

PEDRO MARTINS

*Teoria Nova da
Saudade*

Prefácio

MIGUEL REAL

Posfácio

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Zéfiro


Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Teoria Nova da Saudade

AUTOR

Pedro Martins

PREFÁCIO

Miguel Real

POSFÁCIO

António Cândido Franco

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Maio de 2013

ISBN: 978-989-677-105-8

DEPÓSITO LEGAL: 359 864/13

IMPRESSÃO: Cafleira

© 2013, Pedro Martins & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

Para a memória de Dalila Pereira da Costa (1918-2012)

Para Maria Amélia Teixeira de Vasconcelos, por tudo

Para a Eugénia, o Rafael e a Leonor, sem os quais...

Para o José Pedro Francisco, fraternalmente

*Para o António Cândido Franco e o Miguel Real,
companheiros de viagem*



MARÁNOS DE TEIXEIRA DE PASCOAES E O ESPÍRITO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

O livro que o leitor acabou de ler de Pedro Martins é o seu segundo grande estudo sobre a poesia de Teixeira de Pascoaes. O primeiro, *O Anjo e a Sombra* (2007), com carta prefacial de António Telmo, foi a sua estreia em volume de letra redonda. Enquanto o primeiro incide sobre o poema narrativo de Pascoaes dado a lume em 1912, *Regresso ao Paraíso*, este que o leitor tem na mão versa o outro grande poema narrativo da mesma época, *Marános*. Pelo meio, entre estes dois livros, num arco temporal de seis anos, Pedro Martins deu ainda a público numa revista um curto estudo, “Da Terceira Idade à Segunda Vinda: Algumas Notas sobre o Messianismo de Teixeira de Pascoaes” (*Nova Águia*, n.º 4, 2009), desta vez sobre o livro escrito a quatro mãos por Pascoaes e Brandão, *Jesus Cristo em Lisboa* (1927). Pedro Martins averba assim a seu favor um já considerável volume de trabalho sobre a criação poética de Teixeira de Pascoaes. Estamos longe do ano da estreia, em que ele surgia aos nossos olhos como uma promessa, fulgurante e de amplo fôlego, mas apenas esperança à espera de se cumprir. Sem intróito de dúvida, ele é hoje um dos mais abalizados conhecedores do contínuo poético do autor amarantino e um dos mais finos e inteligentes intérpretes dalguns dos mais difíceis nós da sua escrita.

Marános, sujeito do presente livro, é um dos mais complexos novelos narrativos de sempre. Distingue-se de todos os outros por ser uma das raras criações genuínas que na poesia portuguesa se pode encontrar. É um poema que não tem ascendência nem descendência. Trata-se pois dum grande pico solitário, sem genealogia à vista. Em geral os poemas narrativos da nossa poesia tomam por ponto de partida a criação camoniana de *Os Lusiadas*, poema narrativo clássico, que vai buscar à História a trama



se seguiram a Camões, como os dois poemas de Jerónimo Corte Real, o de Luís Pereira Brandão, o de Vasco Mouzinho de Quevedo e ainda o de Brás Garcia de Mascarenhas. É toda uma activa família poética, que, sendo muito variada e até inconfundível entre si, ao menos na escolha das situações, tem porém uma unidade em círculo mais largo, o do facto histórico, aliás singularizado por Garcia de Resende logo no exórdio do *Cancioneiro Geral* (1516). Não se julgue que isto respeita só ao passado, pois os grandes poemas narrativos da poesia portuguesa do século XIX, de Garrett a Junqueiro, apresentam a mesma fácie, pertencendo a idêntico grupo criativo. Mesmo *Mensagem* (1934) de Fernando Pessoa, tão popular na poesia mais recente, não descola do mesmo esquema, a ponto de se afigurar intorneável que o poema não tem sopro vivo, mesmo atendendo à heráldica simbólica, ou até por motivo dela, fora da convocação das figuras ou dos factos históricos. É um poema da História de Portugal e é como tal que há-de ser lido – na enfiadura de resto de todos outros que atrás se citam.

Maráños, a nosso ver, é um dos raros casos que na poesia portuguesa narrativa foge a este quadro de construção. O poema está montado, naquilo que é substancial à sua linha de acção, sobre factos imaginários praticados por personagens criadas pelo autor – Maráños, Eleonor, a Saudade e o seu filho. As poucas personagens que nele se reconhecem, advindas da tradição cultural anterior, ou mesmo da História, como Apolo, Jesus ou o Quixote, não têm qualquer importância decisiva no desenvolvimento da acção, toda centrada nas personagens de imaginação. As outras são apenas figurantes secundários, sem papel determinante ao avanço do poema. Este novelo narrativo poético, que o autor tomou como *romance em verso*, não tem pois genealogia reconhecível em língua portuguesa e constitui uma criação tão original ou primordial quanto o podem ser as primeiras manifestações poéticas universais, de *Gilgamesh* às raízes da primeira literatura bíblica, de resto muito tocada pela mesma síntese civilizacional que deu a epopeia do amigo de Enkidu. Em toda a poesia portuguesa anterior ao grande poema narrativo de 1911, e mesmo a ele posterior, o que é ainda mais surpreendente, só encontramos um momento capaz de ter algum paralelo com a invenção pascoaesiana em torno de *Maráños*. Falamos da *ínsula divina* nos dois cantos finais do poema camoniano, também ela uma criação de imaginação, feita fora do plano da História e núcleo resistente da épica camonina.

Compreende-se que um poema com estas características, um degrau

do que ele, já que a História é aquele particular que se abre e fecha como porta, seja difícil em extremo de abordar. Talvez por isso José Marinho, o mais fino hermeneuta filosófico da nossa poesia, tenha exclamado, não sabemos se desesperado ou se apenas desiludido, que tudo estava por dizer sobre aquilo que mais importava na moderna poesia portuguesa. É fácil identificar uma galeria de figuras históricas num poema narrativo clássico; é muito mais difícil revelar a partir do caos original o explosivo plasma mítico criador dum poema arcaico. Ora o poema de 1911 situa-se na tensão deste segundo plano, em que tem lugar a cosmogonia, e não oferece por tal razão, mesmo aos mais preparados ou voluntariosos, qualquer facilidade.

Não são muitos os que se dedicaram a meter chave de leitura nesta acastelada construção de Teixeira de Pascoaes. E alguns, ou até muitos, dos que dele se abeiraram com esse propósito, diante do inóspito da paisagem, da ausência de referências conhecidas, da falta de apoios seguros, tremeram e desistiram, limitando-se a deixar aqui e ali uma breve, mas por vezes iluminante, consideração sobre o poema – ou para bem dizer, sobre o semblante exterior dele, já que apenas da soleira o viram. Contam-se pelos dedos duma mão os veros estudos sobre o *Maráños*, os que de verdade tiveram a paciência bastante para penetrar em tão estranha configuração e se arriscaram depois a atravessar os seus corredores e a visitar as suas salas interiores, delas dando registo. Tão poucos são, que bem os podemos ter por parceiros da mesma aventura, contemporâneos uns dos outros, como os participantes do banquete em casa de Agatão o podiam ser entre si. De feito, a hermenéutica de *Maráños* é tão promissora e rica como a do Amor. E de tal modo o é, que a roda de leitura deste improvável poema pode ser vista como um novo simpósio. Também os hermeneutas desta personagem poética se encontram em casa dum deles para partilhar repasto e também eles decidem no final lançar um desafio entre si: que significa *Maráños* de Teixeira de Pascoaes? Há anos que este grupo de amigos, incondicionais adeptos desta poesia, na qual vêm um dos picos áureos da expressão poética em Portugal, vem deste modo criando uma trama discursiva em torno do poema.

Foi agora a vez de Pedro Martins se levantar e tomar a palavra, depois de Pedro Sinde nos ter brindado em 2007 com um poderoso e brilhante discurso em torno da criação de Pascoaes, *A Montanha Mística*. O livro que o leitor acabou de ler é o resultado dessa intervenção na roda de leitura. A pergunta imediata é: que novidade traz a palavra de Pedro

escolhido para a intervenção, *teoria nova da saudade*; quer dizer, Martins traz com ele uma nova visão da saudade. Que a saudade era presença decisiva no poema já o sabíamos e desde os primeiros momentos deste terçar de palavras em torno dele que a saudade compareceu sempre de forma obrigatória – tanto mais que se trata duma das personagens activas do entrecho narrativo. A questão obriga por isso a colocar nova pergunta – em que é que a visão de Martins sobre a saudade é inédita? Aqui a resposta não é tão imediata, pois da sua formulação depende o miolo deste longo e subtil trabalho de interpretação.

Há um ponto crucial na argumentação do autor em torno do poema. É o momento em que ele nos diz que no interior do texto podemos encontrar não apenas um Marános mas dois. Porventura o mesmo, mas desdobrado em dois caminhos distintos e autónomos, o primeiro seguindo o espírito impassível de Eleonor e o segundo seguindo a alma encarnada da Saudade personagem. Nesta bifurcação de caminhos está o adianto ou diferença que Martins tomou ao amigo que antes dele falou, Pedro Sinde, e está também a possibilidade de palparamos a teoria nova da saudade. De feito o trabalho de Sinde seguiu por excelência o itinerário de Marános a partir da sua relação com Eleonor, *a coluna celeste* (X, 253), enquanto o de Martins segue esse mesmo caminho a partir do seu encontro com a Saudade. Assim Sinde recorre à ideia do Duplo celeste, sem carne, que toma como ponto cimeiro da alquimia interior e exterior de Marános, ao passo que Martins deixa de lado este caminho e prefere assistir no plano dos eventos em torno da Saudade como personagem. Destarte o livro que o leitor tem entre mãos, a par de se mostrar uma cingente interpretação do poema de 1911, é também uma teoria da saudade.

Pedro Martins vê a Saudade no poema como nova revelação religiosa. Esta tradução tem razão de ser. No canto X, Eleonor caracteriza a Saudade como *Deusa* (X, 172) e Marános fala dela, no canto seguinte, o de Dom Quixote, como *Virgem de santificado corpo*. O narrador por sua vez vê-a como *Virgem Mãe da Pátria lusitana* (XII, 87). Ora desde o primeiro momento da sua chegada ao poema que se anuncia o seu destino teogónico. Leiam-se os belos versos, que emocionam mais do que qualquer sequência histórica: *Ó Saudade! Ó Saudade! Ó virgem Mãe,/ Que sobre a terra santa portuguesa! Conceberás isenta de pecado! O Cristo da esperança e da beleza!* (VII, 250-3) E ponto crucial dos eventos do poema, ao menos no contínuo dos dezanove cantos, é o nascimento do filho da Saudade (XVII), o *Cristo da esperança e da beleza*, destinado

caído, que o momento final do poema não é o da fusão de Marános e de Eleonor (XVIII) mas o do seu regresso, em sombra, como *Esposo amado*, aos beijos da Saudade (XIX). Por fim este sentido do poema como nova revelação religiosa, centrado em teogonia protagonizada pela Saudade, pode ser posto em correspondência proveitosa com aquela teorização que o seu autor pela mesma época, em 1911, fez da Igreja lusitana, que é assim vista não só como artigo político no quadro novo da República mas como artigo religioso, com autonomia e semblante próprios.

Se a Saudade e o filho estão no centro duma nova revelação religiosa, que sentido tem Marános neste esquema como personagem? Por um lado é o pai do novo Deus, como José o pode ser de Jesus, e por outro é ele que desvela, pelo nome, o espaço e a natureza da nova religião. Marános é um termo bífido, com duas formas distintas; a primeira remete para o varão da montanha cósmica que Sinde tão bem tratou na trama do estudo de 2007 e a segunda para a situação cultural do *marrano* português, que muito prendeu a atenção de Martins, levando-o a seguir as pisadas da Saudade. Por este seu trilho, que é só dele, viu ele o sentido religioso do poema como um género novo de marranismo. A questão merece a mais cuidada atenção. Na composição do sentir religioso do cristão-novo português entraram as circunstâncias históricas do século XVI – chegada da Inquisição e derrota em campo do rei Sebastião – e o traço íntimo do seu carácter psíquico. Pela chegada da monstruosa instituição foi o cristão-novo obrigado a esquecer a língua materna em que aprendera a orar e pela marca ingénita da sua personalidade repudiou ele a língua nova em que lhe queriam ensinar a orar. Desta tensão sem resolução à vista, o libertou a morte do décimo sexto rei português nos secos montados do norte de África, deixando-lhe uma porta de saída tão inesperada como certa. O sebastianismo foi também ele um fenómeno biforme. Por um lado mostrou-se um artigo político, de resistência política à fraca união habsburguina; por outro apresentou-se como facto religioso, metamorfoseando o Desejado no salvador universal, isto é, no Encoberto capaz de redimir no momento do seu regresso a natureza ferida pela queda. A religião do cristão-novo português, que é também para o autor deste livro o cristianismo novo, confundiu-se assim na origem do seu surgimento com o sebastianismo.

Marános de Teixeira de Pascoaes é nesta linha de leitura o moderno desenvolvimento do momento original da nova revelação religiosa que o sebastianismo foi. No momento da sua criação, do ponto de vista espiri-

judaico e o cristão, posto que este na camada superficial da consciência e o outro nas regiões da subconsciência, muito mais fundas, entranhadas, largas e determinantes. Socorrendo-se do esquema circulatório da energia psíquica nos vários compartimentos da alma, criado por Freud, Pedro Martins vê na criação da espiritualidade do cristão-novo um *retorno do recalcado*, pois o sebastianismo, ainda que cristianismo novo, é uma forma original, pura e não alterada de messianismo judaico, em contraste vivo com a dimensão estática e perfectiva dum cristianismo estrutural, que só parece ter dado à nova religião os elementos dissimuladores de superfície.

Será porém uma injustiça para com o estudo de Martins ver nestes dois pontos – o sebastianismo como revelação espiritual e o saudosismo como sua confirmação e desenvolvimento no quadro contemporâneo – a chave única e pessoal da sua leitura. Mesmo sem sair do miolo da sua tese capital, a da Saudade como nova espiritualidade, ele é muito mais do que a constatação da religiosidade do saudosismo. O retorno do recalcado aqui em causa não se exaure no que há de judaico na criação do sebastianismo. Na composição deste facto detectam-se elementos anteriores, nem todos relativos ao estrato judaico, ao menos no que este mostra de inconfundível. É o caso do paracletianismo de inspiração fiorista, que tanta importância teve depois do magistério isabelino na cristalização dum ideário colectivo, e que a Inquisição com sanha apagou da memória viva dos costumes. Essa parcela, que motivou a pintura de Nuno Gonçalves, aproveitou para regressar em força no momento da criação do sebastianismo, dando-lhe um contributo nada despiciendo. Não é pois por acaso que a historiografia de Jaime Cortesão, tão decisiva para a cognição desse primeiro estrato arcaico do psiquismo português, doutrina modo apenas coberto pela criação poética e espiritual, germinou no húmus acamado pelo saudosismo. Por isso quando Martins avalia a *vis unitiva* do marranismo como o seu núcleo substancial, pressentimos que ele toca aí em elemento decisivo para a compreensão do poema. É um tal elemento que lhe permite lê-lo, ao poema, a partir dum novo alargamento, associando-lhe o conhecimento dos ritos e dos graus maçónicos, que é uma das fecundas surpresas da leitura de Martins. E é ele, o mesmo elemento, que lhe facilita ainda as curiosas e ricas reflexões em torno da necessidade de conciliar a intervenção renascentista e a seareira, duas manifestações do mesmo espírito. Se a confraria de leitura do poema de 1911, após o discurso de Pedro Martins, outra coisa dele não retivesse

imenso. Sem tal fibra unitiva, apta a incorporar manifestações inusitadas, e até na aparência estranhas e desconhecidas, será doravante mais difícil aos descendentes directos da Renascença Portuguesa sair do apertado reduto em que ficaram acantonados depois do desastre político e social que foi a ditadura salazarista – essa que levou de forma vergonhosa ao cárcere, e logo ao exílio, homens tão relevantes e probos como Jaime Cortesão ou Agostinho da Silva. A estirpe de Bruno, de que *Maranós* é no estema um dos nós excepcionais, trouxe à cultura portuguesa um éon libertário e universalista, que precisa hoje de voltar a viver à luz do dia, sem medo de ser soletrado, assumido e acrescentado. É crível que o poema de 1911, apesar da dificuldade, continue a inspirar algumas das leituras pelas quais se fará possível alargar o raio de influência da tradição renascentista como espírito libertador. Aguardemos pois, após a notável intervenção do autor deste livro, que outros se levantem e tomem a palavra.

António Telmo, na carta que prefaciou a estreia de Pedro Martins, apontou os seguintes atributos ao novel escritor: clara inteligência, rapidez de raciocínio, capacidade de trabalho perfeitamente adequada ao exercício da inteligência, intuição, imaginação, limpidez moral e atracção natural pela beleza e seu mistério. Permito-me acrescentar um ponto, que de resto decorre do magnetismo que o mestre tão bem soube perceber no jovem neófito que então se iniciava no exercício da escrita. Falo da capacidade expressiva, que ele desde o início deu a ver em grau superlativo, e sem a qual nunca se poderá falar do nascimento dum novo escritor. Pedro Martins é um punho seguro, que domina qualquer solavanco, mostrando-se capaz de pôr mão no boleio da frase, organizando-a como um contínuo vivo e ondulante, em que as palavras justas surgem nos lugares certos. O resultado é uma construção sólida, revelando uma mestria e uma finura admiráveis, que mereciam aqui uma nota explicativa. Convenço-me porém que o leitor deste livro sabe do que falo, tão evidente e tão luminoso é o seu opulento edifício discursivo.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

11-12 de Abril de 2013